

UM AMOR DE FRADIQUE

Nancy Maria Mendes*

RESUMO

Leitura de seis cartas da *Correspondência de Fradique Mendes* que compõem, de forma compacta e exemplar, uma história de amor cuja trajetória vai do entusiasmo inicial à saciedade e ao tédio. Essas cartas comprovam as palavras do editor ficcional (“Memórias e notas”) sobre a conduta da personagem em relação às mulheres: “era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidade de crítico e por exigência de sangüíneo.” Evidencia-se o aspecto caricatural do conjunto de textos.

Na extensa introdução à *Correspondência de Fradique Mendes* – “(Memórias e notas)” – em que o amigo, admirador e editor traça o retrato da personagem, há um trecho referente à sua atitude em relação às mulheres. Dele extraio esta passagem:

*Fradique amou mulheres; mas fora dessas, sobre todas amou a Mulher. Sua conduta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidade de crítico e por exigências de sangüíneo.*¹

O conhecimento desse comportamento amoroso da personagem há de ter sido atingido pelas cartas, pois, ao comentar essa faceta da personalidade de Fradique, o amigo já ressaltara sua discrição no que dizia respeito aos sentimentos:

Privei sempre, sem reserva, com a inteligência de Fradique – e ininterrompidamente assisti e me misturei à sua vida pensante: nunca, porém, penetrei na sua vida afetiva de sentimento e de coração. (p. 1010)

Talvez se possa comprovar aquela observação do amigo numa história de amor revelada através de seis cartas assinadas por Fradique. Quatro delas se dirigem à he-

* Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Queiroz. *Obras: Fradique Mendes*, s.d., p. 1027. Todas as citações posteriores, referentes a esse volume, serão indicadas no texto apenas pelo número da página entre parênteses.

roína e Eça, embora responsável por sua dispersão na imprensa, manifestou o desejo de vê-las publicadas juntas. Sobre isso, em janeiro de 1892, escreve ao editor do n. IV da *Revista*, que acabava de publicar uma “carta de Fradique a Clara”, lamentando sua publicação isolada, pois, assim, “nada significava, e só teria significação e intenção posta ao lado das outras de Fradique à mesma dama”. Em novembro desse mesmo ano, seu desejo se concretiza, pois aparecem, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. “Quatro cartas de amor a Clara”. A última delas tinha sido publicada apenas nesse periódico carioca, dez anos antes. As duas outras, uma das quais teve publicação póstuma, têm Clara como assunto e são dirigidas a “Madame” de Jouarre, a “querida madrinha” de Fradique.

Da leitura desse conjunto, pode-se perceber uma estruturação bem definida da história de amor: há um preâmbulo constituído pelas duas cartas a “Madame” de Jouarre, em que se anuncia o amor; um desenvolvimento em duas etapas: a primeira, constituída pelas duas primeiras cartas a Clara, apresenta o florescimento do amor e a segunda, seu declínio; o epílogo está na quarta e última carta, onde se registra a ruptura.

O preâmbulo da história está marcado pela curiosidade do homem que, ao sentir-se subitamente atraído por uma mulher, busca informações sobre ela. Ao mesmo tempo, dá asas à imaginação, tratando de criar sua identidade a partir das impressões recebidas. “Madame” de Jouarre seria a informante ideal, pois a desconhecida, que ele imagina uma castelã de Anju, foi vista em sua companhia em casa dos Tressans.

A pretexto de levar sua correspondente a identificar a dama, descreve-a com visível deleite de apaixonado a rememorar os traços da figura sedutora. As imagens através das quais ele a evoca afastam-na da realidade. Embora a tenha visto “indolentemente enterrada num divã”, pressentiu-lhe “uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de deusa e de ave” (1043). É interessante observar o contraste entre as palavras que traduzem a postura real da dama, conotadoras das idéias de peso e deselegância e sua figura idealizada: ser alado e divino. Como ave e como deusa (e refere-se explicitamente a Diana, a deusa casta), ela, em sua fantasia, distancia-se do gênero humano, é quase inacessível. Ele a desloca no tempo, associando-a, direta ou indiretamente, à arte. Num momento, ela lhe parece uma “elegíaca do tempo de Chateaubriand”, em outro, uma sensitiva do século XVIII, com “os ombros descaídos, dolentes angélicos, imitados de uma madona de Mantegna”, isto é, “ombros dolentes de virgem do século XII”. Além disso, ao vê-la como estrangeira em Paris, com seus “cabelos fabulosamente louros como o sol de Londres em dezembro”, desloca-a espacialmente. Para ele, deveria tratar-se de uma castelã de província distante.

Entretanto, apesar do fascínio exercido sobre Fradique por seus “olhos finos e lânguidos” e de toda essa fantasia, seu espírito crítico não está adormecido e ele assinala o mau gosto com que se traja a dama: “o vestido preto onde reinavam coisas escandalosamente amarelas” (p. 1043). Além disso, analisa na carta o fato de não se ter

aproximado de “Madame” de Jouarre para ser apresentado à sua companheira, buscando avais literários para justificar a atitude de postergação de um prazer. Refere-se, com ironia, à circunstância de ter, naquela noite, saboreado sanduíches de *foiegras* em companhia de sua pesada acompanhante, com “os olhos finos e lânguidos” em sua mente, brutalidade de que um cão de boa raça seria incapaz... Esses elementos neutralizam, no texto, o caráter de ingênua confiança amorosa.

A segunda carta, motivada pela resposta de “Madame” de Jouarre, encontrada entre os inéditos, só foi publicada em 1928 pelo filho de Eça de Queirós. Por que não teria sido publicada pelo autor, se constitui um elo importante no enredo dessa história de amor?

Nela, a personagem manifesta seu encantamento com o nome – Claire de Clairval – “som mais repousado e nobre em português” e mais atraente pelas “gotas de sangue vermelho e plebeu” que porta o Claro Vale. Contudo, não lamenta ter deixado de perceber há mais tempo a presença da dama, freqüentadora da Comédie Française como ele. Está certo de que “ninguém vê a mulher que tem de amar antes de ter chegado o momento marcado pelo destino para que esse amor se acenda”.²

Trata-se, pois, de nova carta de confiança amorosa de um homem que se diz “em rêverie indecisa”, em “langor espiritual que os primeiros calores de maio dão ao corpo”. Formula a suposição de que a imagem feminina que lhe vem ao espírito, “longa figura loura, com coisas amarelas no vestido preto e uns olhos finos e lânguidos (...) não é o reflexo de nenhuma realidade – mas criação da própria imaginação adormecida”. O racionalismo do intelectual emerge, pois, das névoas em que o sentimento o envolve, ainda que de maneira tênue. A carta termina com o humor que lhe é peculiar: “De resto tenho fumado inúmeras cigarettes e relido Musset...”. Subcreve-se como “Afilhado nevoento”.³

Teria o romancista considerado esse texto pouco adequado à personalidade de seu Fradique? Admitida como adequada ao momento que a personagem estava vivendo, duas hipóteses se impõem para explicar o fato de ter ficado na gaveta do escritor: ou, a seus olhos, precisaria de retoques ou teria sido escrita posteriormente. Analisá-las seria tarefa de especialista. Limito-me a essas conjeturas despretensiosas e passo às cartas a Clara.

As duas primeiras testemunham o florescimento do amor anunciado nas cartas à madrinha. A comparação das expressões escolhidas para vocativo são significativas: “Minha adorada amiga” é substituída por “Meu amor” na segunda carta. Na primeira, datada de junho, entre galanteios, Fradique propõe a Clara um encontro, em casa de sua madrinha. Manifesta-se aí um amor de caráter espiritual. Dá-se a sacralização da amada, através das imagens de Santa – sua Santa Clara – Graça salvadora, cujas feições lembram uma madona de Frà Angelico. Ao desenvolver essa ima-

² Queiroz. Obras: Cartas inéditas de Fradique Mendes, s. d., p. 846.

³ Queiroz. Obras: Cartas inéditas de Fradique Mendes, s. d., p. 847.

gem artística, identificando-se com o próprio pintor que, após representar a Virgem, podia ajoelhar-se diante do quadro para venerá-la (e/ou venerar a arte que produziu...), insinua que essa mulher é criação sua, como já sugerira nas cartas à madrinha. Ante a dama santificada, Fradique se coloca como artista, monge, santo eremita, devoto, adorador perpétuo e humilde. Ultrapassa, pois, os limites da admiração e mesmo da devoção, para atingir a idolatria. Registra-se nesse texto uma espécie de exacerbação dos traços do amor cortês de que as velhas cantigas medievais estavam impregnadas. Considerando-se o autor e a época, não se pode deixar de reconhecer uma intenção parodística no texto.

A segunda carta, documentando o clímax da paixão do missivista, dá à amada uma dimensão humana, ainda que unguida pela divindade: ela é sua “Eva recebida das mãos de Deus”. Em sua beleza etérea feita do Céu e da Terra, é a encarnação do sonho de um contemplador da Vênus de Milo, que lamentava a ausência da palpitação do Amor e da Bondade na admirável estátua. Agora, não é o reverente devoto quem está diante dela, mas um homem, cuja fantasia oscila entre a aspiração ao gozo espiritual e o desejo avassalador que só poderia saciar-se em destruição total:

Desejaria, por vezes envolver-te toda numa felicidade imaterial e seráfica, calma infinitamente como deve ser a bem-aventurança – e assim deslizarmos enlaçados através do silêncio e da luz muito brandamente, num sonho cheio de certeza, saindo da vida à mesma hora e indo continuar no além o mesmo sonho estático. E outras vezes desejaria arrebatarte numa felicidade veemente, tumultuosa, fulgurante, toda de chama, de sorte que nela nos destruíssemos sublimemente, e de nós só restasse uma pouca de cinza sem memória e sem nome. (p. 1086)

Pode-se dizer que a personagem quer ultrapassar os limites do domínio de Eros, penetrando no de Tântatos, pois fala de uma aspiração ao gozo supremo, cuja saciedade se resolve na morte.

A imagem da santa permanece, mas inspira a profanação. Revela seu sonho de vê-la como a freira de uma gravura que possui, a quem o demônio arrasta para o abismo: “em sua face, através do horror, brilha irreprimida e mais forte que o horror, uma tal alegria e paixão tão intensas – que eu as apeteceria para ti, minha santa roubada!” No final da carta, a reverência retorna não só por proclamá-la: “três vezes bendita”, “Rainha de sua graça”, mas também pela genuflexa jura de amor.

O amor de Fradique, além de paradoxal, se mostra insaciável. A necessidade da presença constante da amada o leva a sonhar tê-la acorrentada ao templo de sua adoração (como as imagens dos deuses de Cartago). Note-se que a segunda carta foi escrita dez minutos após tê-la deixado, quando já sofria sua ausência...

Entretanto, na terceira carta à sua “muito amada Clara”, manifesta irritação com as queixas recebidas por ter passado “cinco curtos dias de outono” sem lhe escrever. A ironia com que analisa os lamentos de Clara beira o sarcasmo. Logo após vem a declaração de que estava gracejando, as justificativas de seu silêncio, tentativas

de amenizar as críticas à carta “quase rabugenta”, de não parecer grosseiro, as quais não atenuam a prova de seu desinteresse pela amante. O amor feneceu e Fradique se diminui, cavalheirescamente, nesta reflexão inspirada na história de D. Pedro por Fernão Lopes, que diz ter acabado de reler, e enfim compreendido:

Na verdade só se deve amar quando se é rei – porque só então se pode comprovar a altura do sentimento com a magnificência do sacrifício. Mas um mero vassalo como eu (sem hoste ou castelo) que possui ele de rico ou de nobre, ou de belo para sacrificar? Tempo, fortuna, vida? Mesquinhos valores. É como ofertar na mão aberta um pouco de pó. E depois a bem-amada nem fica na história. (p. 1097)

O amor perde espaço na carta, que passa a apresentar outros assuntos: a aprovação da leitura da história de Buda por Clara, longamente comentada e a *Acta Urbis* – uma pequena e maliciosa crônica de Paris. Esta preenche, segundo o missivista, as três polegadas de papel que lhe restam. A despedida galante, com “desejos, saudades e as coisas ardentes e suaves”, mandadas “em montão” e o beijo do fiel submisso nos “pés adoráveis” da destinatária, soam a jocosidade.

O vocativo da quarta carta, aquela que veio a lume no Rio de Janeiro, remete ao da primeira (“Minha adorada amiga”), obrigando o leitor a perceber a supressão da carga afetiva: a exclusão do adjetivo “adorada”, torna-o meramente cordial. Fradique confirma a Clara uma notícia: “É verdade que eu parto para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento.” Esclarece ser esse um meio de “findar do modo mais condigno e mais belo uma ligação que como a nossa, não devia nunca ser maculada por uma agonia tormentosa e lenta.” (p. 1103). O amante desfere, pois, o tiro de misericórdia numa relação ditada por um amor, sobre o qual “se vai exercer a lei universal do perecimento e fim das coisas”, através de sua saída de cena. Simula a própria morte, suprimindo sua presença do espaço da mulher que amou com devoção e ardor. Estendendo-se em considerações para convencê-la da grandeza de seu gesto, recorre a conceitos e lendas dos Antigos. Identifica-se com um daqueles pastores da velha Grécia que, vez por outra, gozavam da visão e do aconchego do seio divino de Vênus, prazer que durava poucos instantes, mas deixava para sempre, “um deslumbramento infável”. Lisonjeiro, sacraliza a amada, no momento em que a abandona. Age, porém, invertendo a lenda: em lugar de Vênus a desaparecer do pastor é ele quem desaparece de sua Vênus. À despedida, evoca a felicidade que ela lhe proporcionou para bendizê-la. Parte, pois, sem sofrimento e deixa palavras que deveriam consolar aquela que amou secretamente, parecendo querer que ela, sim, se convença da graça de amá-la que ele lhe concedera.

Acredito que as observações do editor ficcional se confirmam nessa história epistolar. A serenidade que Fradique demonstra ao encerrar a relação com Clara, numa carta provocada pelo conhecimento que, por terceiros, ela tomara de sua viagem, parece-me um indício de que o leitor está diante de um exemplar de uma de suas inúmeras histórias de amor. Afinal, não dizia ele ter necessidade de “sempre findar o

seu dia entre o 'efémero feminino'?" (p. 1027)

Não poderia encerrar esta leitura sem assinalar um aspecto do texto que se detecta no plano de sua enunciação. Trata-se de seu caráter caricatural: as manifestações dos sentimentos da personagem são sempre marcadas pelo excesso, como tive oportunidade de assinalar ao comentar algumas de suas imagens e observações. Fradique não tem o cinismo do primo Basílio ou do padre Amaro, nem seu relacionamento com Clara, as dimensões trágicas dos romances que esses protagonizaram. O leitor não está diante de um sedutor maligno, mas de um elegante e irreprovável intelectual da burguesia do século XIX, que sabe gozar seus prazeres e viver, com cavalheirismo, uma história de amor.

RÉSUMÉ

Lecture de six lettres de la *Correspondance de Fradique Mendes* qui composent une histoire d'amour, synthétique et exemplaire, du coup de foudre jusqu'à l'indifférence de l'amant qui s'éloigne. Ces lettres prouvent l'observation de l'éditeur fictif "Mémoires et noses") sur le comportement amoureux du personnage qui "était dicté par les dévotions d'un spiritualiste, par la curiosité d'un critique et par les exigences d'un sanguin". L'aspect caricatural des textes est mis en évidence.

Referências bibliográficas

01. QUEIROZ, Eça. **Obras; Fradique Mendes**. Porto: Lello & Irmão [19--] v. 2.
02. QUEIROZ, Eça **Obras; cartas inéditas de Fradique Mendes**. Porto: Lello & Irmão [19--] v. 3.